



Submetido em: 26/01/2023 | Aceito em: 24/02/2023 | Publicado em: 01/04/2023 | Artigo

O ATENDIMENTO FISIOTERÁPICO AO PACIENTE SURDO E AO DEFICIENTE AUDITIVO

¹ Valdemar Barbosa Lima Júnior; ² Antônio Ricardo Ferreira.

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a relevância do atendimento fisioterápico, inclusivo, ao paciente surdo e ao deficiente auditivo, levando em conta suas formas de comunicação. Baseamos em Chiba e Almeida (2020), Gabriel, Almeida e Amorim (2021), Peixoto et al (2018) e legislações brasileiras. Trata-se de um trabalho cujo método é o indutivo, no qual buscamos apontar recomendações para que os fisioterapeutas ofereçam um melhor atendimento às pessoas com algum tipo de surdez. Consideramos que o fisioterapeuta sabe da importância da inclusão do paciente surdo e do deficiente auditivo, entretanto existe uma falta de direcionamento e uma melhor formação em Libras nos cursos de Fisioterapia. Do mesmo modo, faltam publicações nessa temática. O fisioterapeuta deve estar em constante atualização em sua atividade laboral e buscar boas estratégias de comunicação, sem excluir qualquer paciente.

Palavras-chave: Atendimento fisioterápico; Pessoas surdas; Deficiente auditivo.

THE PHYSIOTHERAPEUTIC CARE FOR DEAF AND HEARING IMPAIRED PATIENTS

Abstract: This article aims to discuss the relevance of inclusive physiotherapy care for deaf and hearing-impaired patients, taking into account their forms of communication. We based on Chiba and Almeida (2020), Gabriel, Almeida and Amorim (2021), Peixoto et al (2018) and Brazilian legislation. It is a work whose method is inductive, in which we seek to point out recommendations for physiotherapists to offer better care to people with some type of deafness. We believe that physiotherapists are aware of the importance of including deaf and hearing-impaired patients, however there is a lack of direction and better training in Libras in Physiotherapy courses. Likewise, there is a lack of publications on this topic. The physiotherapist must be constantly updated in his work activity and seek good communication strategies, without excluding any patient.

Keywords: Physiotherapy attention; Deaf people; Hearing impaired.

¹Mestrando em Estudos Linguísticos (UFMG). Licenciado em Libras (Eficaz).

²Especialista em Fisioterapia Respiratória (FELUMA). Graduado em Fisioterapia (Estácio de Sá).





1. INTRODUÇÃO

Um dos pontos importantes no trabalho de atendimento dos profissionais da saúde é a questão da comunicação com o paciente. Profissional e paciente precisam se compreender mutuamente para que haja qualidade no serviço e bons resultados. Por esse ângulo, vale notar que nem todas as pessoas utilizam a mesma língua. Temos como exemplo, as pessoas surdas e deficientes auditivas sinalizantes, que podem utilizar a língua de sinais (Libras) para se comunicarem (BRASIL, 2002).

Estima-se que no Brasil, conforme dados do IBGE de 2010, existem mais de 10 milhões de pessoas com algum tipo de perda auditiva. Sobre isso, temos uma legislação brasileira que delibera o atendimento a essas pessoas por meio da língua de sinais (BRASIL, 2002, 2005, 2015). Dessa maneira, este trabalho tem a finalidade de (a) trazer informações acerca da comunicação em Libras pelos profissionais da saúde, especificamente o fisioterapeuta, (b) apresentar possíveis estratégias de atendimento do fisioterapeuta ao paciente surdo e ao deficiente auditivo, e (c) propor melhoramentos em sua atividade laboral, em se tratando da comunicação, bem como estratégias para a anamnese do paciente com surdez. Pretendemos pensar parâmetros de atendimento a pacientes surdos e com deficiência auditiva, nas instituições públicas e particulares, assim como no atendimento particular. Nosso intuito é trazer informações a respeito das especificidades da pessoa surda e da deficiente auditiva, para que os estudantes e profissionais da fisioterapia obtenha um certo direcionamento no que tange ao atendimento às pessoas com surdez. Nesse sentido, trata-se de um trabalho cujo método é o indutivo. Buscamos como aporte teórico a legislação brasileira acerca dos direitos das pessoas com deficiência, com foco nas pessoas com surdez e corroboramos autores da área da Libras e da fisioterapia.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, N° 04, abril de 2023

 +5554996512854

Todos os direitos reservados©



O artigo está organizado da seguinte forma: primeiro, trata do atendimento fisioterápico ao surdo e ao deficiente auditivo, da legislação para atendimento na saúde às pessoas com deficiência, os desafios enfrentados pelos fisioterapeutas na comunicação com pessoas com surdez e mencionamos estratégias que podem ser utilizadas na abordagem ao paciente com perda auditiva.

2. O ATENDIMENTO FISIOTERÁPICO AO SURDO E AO DA

Os profissionais da área da saúde, diariamente, lidam com pacientes diversos, pois vivemos em um mundo onde está presente a diversidade, tais como indígenas, pessoas com deficiência, surdos, dentre outros. Nesse quesito, um público que os fisioterapeutas atendem são as pessoas com surdez¹. Devido às questões de comunicação desses pacientes citados, a abordagem dos profissionais da fisioterapia, para a anamnese, tem sido algo para se refletir (CHIBA, 2020).

As perdas auditivas podem ser diferenciadas conforme o grau, lado (unilateral ou bilateral) e ainda por diversos motivos, tais como idade avançada, doença, acidentes, exposição a barulho etc. Embora os termos surdo e deficiente auditivo pareçam sinônimos, eles são distintos. O surdo é a pessoa que tem perda auditiva bilateral acima de 41 decibéis (BRASIL, 2005), medida por meio do exame de audiometria. Existem vários graus de perda auditiva, classificados conforme dados do Centro Auditivo Viver (*s. d.*):

Surdez leve ou deficiência auditiva leve: a pessoa só pode detectar sons entre 25 e 29 decibéis (dB). As pessoas podem achar difícil entender as palavras que os outros estão dizendo, especialmente se houver muito ruído de fundo.

¹ Do ponto de vista clínico, a pessoa com algum tipo de surdez pode ser a pessoa Surda ou a pessoa com deficiência auditiva. Pois, existem graus de perda da audição.





Surdez moderada ou deficiência auditiva moderada: a pessoa só pode detectar sons entre 40 e 69 dB. Seguir uma conversa usando apenas a audição é muito difícil sem usar um aparelho auditivo.

Surdez severa ou deficiência auditiva severa: a pessoa só ouve sons acima de 70 a 89 dB. Uma pessoa gravemente surda deve ler os lábios ou usar a linguagem de sinais para se comunicar.

Surdez profunda ou deficiência auditiva profunda: Qualquer pessoa que não consiga ouvir um som abaixo de 90dB tem surdez profunda. Algumas pessoas com surdez profunda não conseguem ouvir absolutamente nada. A comunicação é realizada usando linguagem de sinais, leitura labial ou leitura e escrita.

Conforme se pode notar, existem diferentes graus de surdez, e isso é descrito em laudo médico. Desse modo, é necessário reconhecer que os surdos podem ter experiências diferenciadas dos sons e da fala. Algumas pessoas nascem ouvintes e depois se tornam surdas devido à perda auditiva, por exposição a barulho, acidente ou doenças. Outras já nascem surdas e nunca tiveram/terão experiências auditivas como os ouvintes.

A comunidade surda (composta por surdos e ouvintes envolvidos na causa surda) - compreende o termo Surdo com S maiúsculo no sentido de ser uma pessoa que a reconhece como pertencente a um grupo linguístico/cultural diferenciado (WILCOX e WILCOX, 2005).

Os surdos não são iguais, pois podem ter perdas e experiências auditivas distintas, conforme supracitado, e, além disso, identidades diferentes. Para mais detalhes, a autora Perlin (2003), surda, explica, em seu trabalho, várias especificidades dos surdos, bem como suas identidades. Muitos surdos nascem em famílias ouvintes, cerca de 90% a 95% deles, e essas famílias nem sempre têm alta proficiência na Libras. Isso pode gerar atraso cognitivo-linguístico para o surdo, bem como atraso no aprendizado do Português escrito, devido não terem uma primeira língua bem desenvolvida, nem professores que dominem metodologias de



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, Nº 04, abril de 2023



+5554996512854

Todos os direitos reservados©



ensino do Português escrito, como segunda língua. Alguns surdos são oralizados e conseguem fazer a leitura labial, mas conseguem ler entre 20% a 30% da fala articulada oral. Boa parte da compreensão se dá pelo contexto da fala. Sendo assim, nem todos os surdos falam (oralmente) ou fazem leitura labial. Há surdos que apenas sinalizam (utilizam a língua de sinais).

Mas e o termo deficiente auditivo? O Deficiente Auditivo (DA), muitas vezes têm uma perda auditiva leve ou moderada, utilizando a oralidade e leitura labial. Alguns utilizam aparelho auditivo e não se sentem pertencente a uma comunidade surda. Mas podem também transitar entre a comunidade surda e a ouvinte. Uma peculiaridade é que o DA pode ver a surdez como falta, e não como diferença cultural. Ressalta-se que o DA também pode aprender a língua de sinais e ser considerado sinalizante.

Em suma, o surdo e o deficiente auditivo podem utilizar formas diferenciadas de comunicação, como a língua gesto-visual (a língua de sinais), diferentemente do ouvinte (BRASIL, 2002). Basicamente, a diferença está na questão de visão que a pessoa tem de si e o seu modo de vida. Para exemplificar, o surdo vê a surdez como diferença, associa com outros surdos, utiliza a língua de sinais, sente-se como pertencente a uma outra cultura, que é mais visual. O DA pode ver a surdez como falta, tentando-a corrigir, e não necessariamente faz parte da comunidade surda, ou não usa a língua de sinais. Embora, como já mencionado, há DA sinalizante.

3. A LEGISLAÇÃO ACERCA DO ATENDIMENTO ÀS PCD NA ÁREA DA SAÚDE

Atualmente, a inclusão tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões na sociedade. Isso por causa das lutas das Pessoas com Deficiência (PcD), dos familiares e também das pessoas que lutam pela causa, que conseguiram que leis fossem aprovadas para





que essas PcD tenham uma vida mais digna, justa e igualitária. No Brasil temos a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), de número 13.146, promulgada no dia 6 de julho no ano de 2015. Conforme seu artigo primeiro, o objetivo da inclusão é vir “[...] a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Sobre o atendimento na saúde às PcD², essa referida lei, em seu capítulo II e III, estabelece que:

Art. 14. O processo de habilitação e de reabilitação é um direito da pessoa com deficiência.

Parágrafo único. O processo de habilitação e de reabilitação tem por objetivo o desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitivas, sensoriais, psicossociais, atitudinais, profissionais e artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

CAPÍTULO III

DO DIREITO À SAÚDE

Art. 18. É assegurada atenção integral à saúde da pessoa com deficiência em todos os níveis de complexidade, por intermédio do SUS, garantido acesso universal e igualitário.

§ 1º É assegurada a participação da pessoa com deficiência na elaboração das políticas de saúde a ela destinadas.

§ 2º É assegurado atendimento segundo normas éticas e técnicas, que regulamentarão a atuação dos profissionais de saúde e contemplarão aspectos

² Apesar de o Surdo fazer parte de um grupo linguístico-cultural diferente, ele goza de direitos concedidos às PcD, tais como vale-transporte, cotas etc.





relacionados aos direitos e às especificidades da pessoa com deficiência, incluindo temas como sua dignidade e autonomia.

§ 3º Aos profissionais que prestam assistência à pessoa com deficiência, especialmente em serviços de habilitação e de reabilitação, deve ser garantida capacitação inicial e continuada.

Não se pode negar que deva haver um atendimento que leve em conta as especificidades linguístico/culturais das pessoas surdas e com deficiência auditiva. Isso porque o fisioterapeuta deve atender a todos, sem distinção ou discriminação, no intuito de contribuir com o seu trabalho à sociedade. Recomenda-se que os profissionais da saúde visem o acesso das PcD (BRASIL, 2015). Em se tratando do atendimento ao surdo e ao DA na saúde, o decreto de número 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em seu capítulo VII, preconiza:

IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação; e

X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

§ 1º O disposto neste artigo deve ser garantido também para os alunos surdos ou com deficiência auditiva não usuários da Libras.

Nota-se que a lei diferencia o surdo do deficiente auditivo. Nesse caso, é necessário conhecer ambos e verificar quais são as formas de comunicação de melhor os atenda, para que assim, o profissional da saúde faça um bom atendimento.

A Libras é a língua de comunicação de muitos surdos (primeira língua, L1), por isso, muitos estudantes em todos os cursos superiores estão tendo os seus primeiros contatos com a



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, Nº 04, abril de 2023



+5554996512854

Todos os direitos reservados©



língua de sinais nas faculdades e universidades, por meio da disciplina de Libras ofertada (BRASIL, 2005). Contudo, ainda existem alguns entraves no que tange à formação desses profissionais, especificamente os Fisioterapeutas.

4. DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS FISIOTERAPEUTAS

O decreto que vimos (5.626/2005), em parte, determina a inserção da disciplina de Libras nos cursos superiores. No curso de Fisioterapia, a disciplina deve ser ofertada, pelo menos de forma optativa. Desse modo, os estudantes chegam a ter algum contato e conhecimento sobre a língua de sinais durante a formação. Porém, conforme apontado por Chiba e Almeida (2020), em sua pesquisa, dos quinze fisioterapeutas que entrevistaram, 100% não sabiam Libras e 33% relatam dificuldades na comunicação durante a avaliação. Apesar disso, outro estudo, realizado na cidade de Nanuque (MG), aponta que 100% dos profissionais tinham um certo conhecimento de Libras (GABRIEL, ALMEIDA e AMORI, 2021).

A falta de proficiência na Libras ocorre não só entre os fisioterapeutas, mas também entre outros profissionais que estudam Libras por apenas um semestre, com uma disciplina de cerca de 30h a 80h (LIMA JÚNIOR e LIMA, no prelo). Realmente não é possível aprender uma língua em tão pouco tempo. Lima Júnior (no prelo) observa que até mesmo no curso superior de formação para intérprete de Libras, os estudantes nem sempre se formam com proficiência na língua de sinais. Portanto, faz-se necessário considerar a formação ofertada nos cursos superiores, com a finalidade de que futuros profissionais, de todas as áreas, consigam aprender a Libras com uma certa fluência. Nessa lógica, há um projeto de número 5.961 (BRASIL, 2019) para inserir a Libras desde a educação infantil, para que as pessoas aprendam a língua mais cedo, assim, tendo um maior tempo para aprendizado. Isso será





fundamental para que as pessoas tenham mais tempos para aprenderem a Libras, possibilitando, assim, a proficiência.

5. ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM AO PACIENTE COM SURDEZ

Conforme vimos, as pessoas que possuem algum tipo de surdez são diferentes. Podem ter surdez leve, moderada, profunda, unilateral ou bilateral etc. Nessa direção, é considerável que o fisioterapeuta conheça o seu paciente para saber qual o tipo de surdez ele tem, se ele é DA ou surdo, se oraliza ou se utiliza apenas a língua de sinais, dentre outras particularidades.

Alguns surdos, por terem o português como segunda língua (L2), talvez não tenham uma média ou alta proficiência na escrita, resultando em dificuldades na comunicação. Sendo assim, o fisioterapeuta pode utilizar estratégias para atender a pessoa com surdez, mesmo não sendo proficiente em Libras. Vale mencionar que há estudo sobre estratégias de comunicação a pacientes que não falam, como por exemplo, as pessoas com encefalopatia crônica não progressiva (BORTAGARAI, 2011). Porém, veremos que o surdo e o DA sinalizante utilizam uma língua estruturada, com todos os níveis gramaticais, e que não se trata apenas de gestos ou um código.

Nessa direção, apontamos algumas estratégias de abordagem que poderiam ser implementadas pelos profissionais fisioterapeutas:

- Não ter vergonha, receio ou medo de tentar comunicar com o surdo de alguma forma.
- Utilizar ficha de preenchimento com dados do paciente, tais como tipo de surdez, identidade surda, qual o tipo e meio de comunicação que utiliza (Libras, oralidade, português escrito, central de intérprete etc).





- É fundamental o profissional aprender pelo menos alguns sinais básicos, como por exemplo, o sinal do surdo, dar um bom dia ou boa tarde. Além disso, aprender outros sinais e frases tais como: OK, ESTÁ TUDO BEM?, DOR, SINAIS DO CORPO HUMANO etc.
- Usar a escrita como apoio na comunicação se o surdo preferir.
- Caso veja necessidade, contatar um intérprete de Libras (BRASIL, 2005), mesmo que de forma virtual em alguma central de intérpretes.
- Buscar formação de Libras para si e colegas de trabalho no local de atuação, talvez patrocinado pelo governo ou empresas (BRASIL, 2005).
- Buscar formação de Libras oferecida para profissionais da saúde em sites de cursos etc.

Vale lembrar que pacientes diferentes vão exigir estratégias diferentes de atendimento. Além disso, existem mais pontos que poderiam ser colocados acerca de estratégias na abordagem e atendimento/comunicação com o surdo. Portanto, é de relevância o fisioterapeuta ser flexível e atender ao paciente da melhor forma em que ambos se compreendam. As autoras Gabriel, Almeida e Amorim (2021) mencionam que alguns profissionais tentam interpretar gestos, usar sinais e escrita para se comunicarem com o paciente surdo. Entretanto, o aprendizado e uso da Libras de forma proficiente é fundamental para que haja uma melhor compreensão mútua, com o propósito de evitarem ansiedade em virtude de entraves de comunicação.

Em sua pesquisa, as autoras Chiba e Almeida (2020) identificaram que 40%, ou seja, 6 dos quinze fisioterapeutas entrevistados, conseguiam usar estratégias para se comunicarem com o paciente surdo. Além disso 60% dos pacientes surdos se sentiam bem durante o



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, Nº 04, abril de 2023

 +5554996512854

Todos os direitos reservados©



tratamento, mesmo sem um profissional capacitado em Libras. Por isso, o profissional fisioterapeuta pode ponderar ainda mais em como melhorar a sua atuação laboral, de forma autônoma, levando em conta a comunicação com o paciente surdo.

Devido as disciplinas de Libras nos cursos superiores terem baixa carga horária, é significativo que o professor direcione o ensino e vocabulário de Libras para o contexto de atuação do fisioterapeuta, por exemplo, ensinando sinais relacionados ao corpo humano, doenças, números, horas, quantidade etc. Existem algumas iniciativas, como por exemplo, o Sinalário (*s.d*), um dicionário de Libras da Universidade Federal de Viçosa, que contém alguns sinais da área da Biologia. O aprendiz de Libras pode buscar essas ferramentas para se desenvolver na língua.

Peixoto *et al* (2018) fizeram um relato em que simularam um atendimento do fisioterapia ao paciente surdo. Esses autores buscaram, em sua investigação, encontrar sinais relacionados à área de atuação do fisioterapeuta, tais como BANDAGEM NEUROMUSCULAR, TIPOS DE MÚSCULOS, LIBERAÇÃO MIOFACIAL etc. Contudo, consideraram que faltam publicações relacionadas à Libras e fisioterapia, bem como sinais-termo da área da saúde. Destaca-se que, nem sempre haverá equivalência de palavra-sinal, visto que a língua de sinais e a língua portuguesa são distintas, tem suas gramáticas, suas histórias, seus tempos e, por isso, é relevante que haja orientação de um profissional da linguística e libras, para que o fisioterapeuta aprenda os sinais, a língua estruturada. A Libras, por se tratar de uma língua de modalidade viso-espacial, os vários sinais são realizados a partir da experiência visual e corpórea do surdo. Logo, alguns sinais relacionados ao corpo humano são feitos apontando no corpo.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, Nº 04, abril de 2023



+5554996512854

Todos os direitos reservados©



Para concluir, além de um bom direcionamento na disciplina de Libras nos cursos de fisioterapia, os próprios estudantes também poderão buscar a formação continuada em cursos, fora da grade curricular da universidade, assim como ocorre a imersão no aprendizado de outras línguas, por exemplo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de haver uma legislação que ampara o surdo e o DA em relação ao atendimento na saúde, isso contribui muito para um avanço significativo no que tange à acessibilidade e direito linguístico. A oferta da disciplina de Libras nos cursos superiores, a partir de 2005, abriu portas para que os profissionais se atentem às questões inclusivas e comunicativas dos surdos.

Aprender uma nova língua envolve tempo, dedicação, contato com a comunidade falante. Além de ser fundamental o aprendizado da Libras desde cedo, é necessário o contato constante com os usuários de tal língua, para que o sinalizante desenvolva proficiência. Enquanto isso não ocorre, ou existam as lacunas, é essencial que os profissionais da saúde usem estratégias para se comunicarem com o surdo e o DA, com o objetivo de atendê-los de forma humanizada.

Enfatiza-se que gestos, mímica, escrita e uso de aplicativos não substituem o contato pessoal entre fisioterapeuta e paciente, bem como uso proficiente da Libras. É o uso contextualizado da Libras na comunicação que irá garantir o direito linguístico do surdo e do DA sinalizante no atendimento em qualquer área.





Constatou-se que há falta de direcionamento das disciplinas de Libras nas graduações em Fisioterapia, os estudantes e profissionais da área sentem falta de mais publicações relacionadas ao atendimento ao surdo. O conhecimento que os profissionais têm da Libras permite-os fazer o atendimento, mas falta-lhes de vocabulário na área da fisioterapia.

Como sugestão de trabalhos futuros, poder-se-á analisar como o fisioterapeuta tem abordado o surdos, quais dificuldades e estratégias têm utilizado em seu atendimento. Com mais estudos assim, será possível direcionar e lançar luz aos estudantes, futuros profissionais da saúde, os quais a sociedade necessita.

REFERÊNCIAS

BORTAGARAI, Francine Manara. **A comunicação entre fisioterapeutas e sujeitos com encefalopatia crônica não progressiva**. 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Santa Maria, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6498>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BRASIL . **Lei de número 10.436 de 24 de abril de 2002**. Reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão** de número 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 ago. 2022.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>
<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, Nº 04, abril de 2023



+5554996512854

Todos os direitos reservados©



BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 ago 2022.

BRASIL. **Projeto de lei 5.961 de 2019**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir, nos currículos do ensino fundamental e do ensino médio, para todos os alunos, conteúdos relativos à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=139785>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CENTRO AUDITIVO VIVER. **Graus de surdez**. Disponível em:

<https://centroauditivoviver.com.br/blog/graus-perda-auditiva/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CHIBA, Geisiane; ALMEIDA, Bruna. **Desafios no Atendimento de Fisioterapia em Pacientes Surdos**. Faculdade Laboro, DF, Anais, 2020. Disponível em:

<http://repositorio.laboro.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/240>. Acesso em: 17 ago. 2022.

GABRIEL, Larissa. Bolzani.; ALMEIDA, Marina Tzortzato; AMORIM, Brandão Patrícia. Assitência do fisioterapeuta aos pacientes portadores de deficiência auditiva. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 2, n. 8, p. e28613, 2021.

DOI: 10.47820/recima21.v2i8.613. Disponível em:

<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/613>. Acesso em: 17 ago. 2022.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, Nº 04, abril de 2023



+5554996512854

Todos os direitos reservados©



LIMA JÚNIOR, Valdemar Barbosa. **A formação do intérprete de Libras em Belo Horizonte.** (No prelo).

LIMA JÚNIOR, Valdemar Barbosa; LIMA, Tuender Durães de. **O ensino de Libras ministrado por professor surdo e por professor ouvinte.** (No prelo).

PEIXOTO, Ana Milena Vieira et al. Anais do **1º Congresso Brasileiro de Saúde em Libras.** (ID:39), p. 48-49. Juazeiro, UNIVASF, 2018. Disponível em:
<https://pais.ufba.br/sites/pais.ufba.br/files/pais.2.pdf#page=48>. Acesso em: 18 ago. 2022.

PERLIN, Gládis. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade.** 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5880/000521539.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SINALÁRIO. **Sinais da Biologia.** Universidade Federal de Viçosa (MG). Disponível em:
<https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

WILCOX, Phyllis Perrin; WILCOX, Sherman. **Aprender a ver.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7791765>

<http://www.revistaphd.periodikos.com.br>

V. 03, N° 04, abril de 2023



+5554996512854

Todos os direitos reservados©